

Gula, identidade e afeto: os sentidos da comida em circulação no filme “A viagem de Chihiro”¹

Arthur Carlos Franco OLIVEIRA²

Hertz Wendel de CAMARGO³

Universidade Federal do Paraná

RESUMO

O presente artigo analisa os sentidos e as articulações simbólicas da comida que o filme *A Viagem de Chihiro* (2001) coloca em circulação. A partir da metodologia de análise fílmica proposta por Vanoye e Goliot-Lété (1994), buscamos discutir como o consumo e sua relação entre alimentação, imaginário e cultura são mediados pela narrativa cinematográfica, entendendo que os elementos em intercâmbio entre a realidade sensível e aquela representada na tela revelam a comida como agente de trocas simbólicas e de movimentação social. Os resultados destacam o alimento como um agente multifacetado de imaginários, afetos, identidades e pertencimentos.

PALAVRAS-CHAVE

Comida; Cinema de animação; Análise fílmica; Chihiro; Anime.

CORPO DO TEXTO

O estudo do sistema alimentar de uma comunidade permite entender conexões sociais e funcionais ali presentes e como a consciência de identidade e de pertencimento se articula através das escolhas alimentares. A seleção dos alimentos, como prepará-los e os rituais de consumo que o cercam estão intimamente conectados a identidade do indivíduo e do grupo social em que ele se insere, como refletido pela famosa citação “diga-me o que comes que te direi quem és” atribuída a Brillat-Savarin, o primeiro crítico de gastronomia de que se tem notícia e que mudou a percepção da alimentação como forma de arte e ciência. Ao lado de outros elementos como a língua e os costumes,

¹ Trabalho apresentado na DT04 - Comunicação Audiovisual do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de junho de 2023.

² Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná. Professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Tecnologia de Curitiba (Unifatec). Email: arthurfranco@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Doutor em Estudos da Linguagem e professor do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Paraná. E-mail: hertzwendel@gmail.com.

as escolhas alimentares aparecem unidas, em boa medida, à cultura, de forma que, ao ingerir um alimento, as pessoas que comem se incorporam a um sistema culinário – práticas materiais e simbólicas – e, portanto, ao grupo que o pratica, a menos que esteja expressamente excluído. (CONTRERAS e GRACIA, 2015, p. 142).

Ao tratarmos de cinema e, especificamente, da representação visual do alimento no cinema, estamos abordando o entrelaçamento de diferentes fios do tecido cultural, e o primeiro passo para a compreensão dos sentidos em circulação no audiovisual é entender que a principal necessidade atendida pelo consumo é a do simbólico. Portanto, analisar o cinema como um dos modos de circulação dos significados na cultura se justifica como método de interpretação de como os sentidos socioculturais do alimento são partilhados ritualística e alegoricamente sobre a mesa cinematográfica (a tela). Entender a alimentação nas construções diegéticas é também decifrar as implicações por trás de tais estruturas imagéticas examinando os componentes do imaginário que guiam a narrativa fílmica.

Com efeito, para entendermos como se dá a articulação entre comida, identidade e cultura em *A Viagem de Chihiro*, utilizamos a metodologia de análise fílmica proposta por Vanoye e Goliot-Lété (1994), que permite analisar elementos isolados ao decompor o produto audiovisual e perceber como eles se encadeiam em relação ao todo. Esse método foi propício para entender como a comida se apresenta na estrutura diegética do filme, já que escolhemos algumas cenas nas quais os alimentos têm papel significativo e de influência em outros elementos fílmicos que em seu conjunto guiam a direção em que a narrativa é conduzida. Por meio da decomposição do filme, procuramos componentes não perceptíveis a “olho nu” em um primeiro momento, mas que têm como função “estabelecer elos entre esses elementos isolados, em compreender como eles se associam e se tornam cúmplices para fazer surgir um todo significativo” (VANOYE e GOLIOT-LÉTÉ, 1994, p. 15).

A Viagem de Chihiro é um filme do gênero animação de 2001, dirigido por Hayao Miyazaki e produzido pelo Studio Ghibli. A escolha deste filme, em particular, se dá ao fato de ser ganhador de um Urso de Ouro no Festival de Berlim em 2002, do Oscar de melhor filme de animação em 2003 e de ser um dos filmes mais bem-sucedidos da história do Japão, além de ter acentuada presença de signos alimentares em sua narrativa.

O filme escolhido opera com temas como a passagem da infância para a vida adulta, o poder da amizade, Jornada do Herói, ganância e gula por meio de metáforas e simbolismos, especialmente associados ao imaginário em torno da espiritualidade e das sombras da psique humana. Buscando então compreender os aspectos bioculturais da alimentação presentes no filme seguindo a metodologia proposta por Vanoye e Goliot-Lété (1994), selecionamos algumas cenas que permitem reflexões sobre como as relações sociais são afetadas pelas práticas e pelos componentes do sistema alimentar.

a) análise 1 – comida que afeta corpo e alma

Dentro dos aspectos alimentares que compõe *A viagem de Chihiro*, a gula, em seu aspecto biocultural (instintiva e hedônica), é o elemento que permite que a história se desenrole. É um tema que permeia todo o filme, já que os pais da garota são transformados fisicamente em porcos por comerem desenfreadamente a comida destinada aos deuses, o que impulsiona Chihiro a enfrentar provações na casa de banhos de Yubaba em sua busca de reverter a maldição e salvar seus pais. Os pais da protagonista não comem moderadamente apenas para matar a fome, mas agem de forma impulsiva e descontrolada, já que a cena evidencia os dois comendo sem degustar os alimentos, uma mordida seguida por outra sem mastigar propriamente, todas as comidas se misturando entre a mesa e a boca. Tal comportamento reflete o exagero, o saciamento de um prazer, já que “podendo ser considerada um prazer mortífero, a gula pode ser um tipo de gozo” (NASCIMENTO, 2007, p. 237), enquanto a transformação dos pais da garota em animais reverbera na caracterização de que, “quase que universalmente, o porco simboliza a comilança, a voracidade: ele devora e engole tudo o que se apresenta. Em muitos mitos, é esse o papel de *sorvedouro* que lhe é atribuído” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2002, p. 734, grifo dos autores).

A comida, deglutida com voracidade, é uma ponte entre o mundo real e o espiritual, entre a imanência e a transcendência, entre a razão e o animal, a consciência e o inconsciente, entre luz e sombra. No caso da nossa protagonista, é a gula dos pais que permite o início de sua jornada interior e, portanto, entre a infância e a fase adulta. A gula – essa pulsão primordial de animal (traço individualista do Id, explicado por Freud) que sente fome e aponta para a sobrevivência biológica do corpo – promove a transformação

tanto em seu sentido físico quanto alegórico, já que a comida no filme representa uma oferta aos deuses e, concomitantemente, carrega diferentes dualidades, assimetrias necessárias para a tomada de decisão da espécie humana (BYSTRINA, 1995).

b) análise 2 – comida que alimenta a identidade

Chihiro empreende uma viagem de autoconhecimento da fase infantil para a vida adulta, aprendendo a lidar com responsabilidades e adversidades enquanto detém em si características normalmente atribuídas ao papel de herói, como determinação, idealismo, bondade, motivada pelo desejo (a gula?) de salvar os pais.

No filme, o simbolismo de partilha do alimento traz à tona questões de pertencimento e identidade, apontando que Chihiro é uma forasteira naquele mundo, mas, a partir do momento em que come a fruta, se torna parte integrante dele. A comida cria vínculos entre os sujeitos e a sensação de integrar um mesmo universo, já que “compartilhar hábitos ou preferências alimentares proporciona um certo sentido de pertencimento e identidade. Assim, seria possível dizer que a comida alimenta, também, o coração, a mente e a alma” (CONTRERAS e GRACIA, 2015, p. 205). Falar a mesma língua, ter os mesmos costumes e, por vezes, a mesma origem, são elementos permitem que um grupo se unifique e se articule identitariamente, ao passo que compartilhar dos mesmos ingredientes, métodos de preparo e hábitos de consumo também exercem tal papel coesivo. A cena em que Chihiro quase desaparece retrata a imersão em uma nova cultura, o que pode causar um pânico inicial pela falta de reconhecimento de elementos familiares, entre eles a comida, mas que são absorvidos pelo sujeito conforme ele percorre e se ambienta pelos novos caminhos. Entre as diversas formas de imersão em um território desconhecido, a adoção das práticas alimentares locais se apresenta como uma das mais tradicionais, já que a alimentação está intimamente atrelada à noção de ser e aos grupos o sujeito se insere.

Em conclusão, as dualidades que regem as escolhas da espécie humana, como colocado por Bystrina (1995), reverberam no filme a partir da percepção de como a comida pode ser agente de aceitação e rejeição, de prazer e culpa, de vício e virtude, de vitória e punição. A transgressão alimentar dos pais de Chihiro é punida pela sua transformação em porcos, ao passo em a representação dualística também mostra como a

comida em moderação pode ser benéfica, fortalecedora de vínculos e impulsionadora de seguir em frente, trazendo conforto e alento, como se não alimentasse apenas o corpo, mas também o espírito.

As representações imagéticas do alimento e suas manifestações no campo da cultura traduzem a ambivalência que rege a dualidade alimentar, como proposto por Lévi-Strauss (2004) em sua teoria acerca do cru e cozido. Ao cozinhar e transformar o alimento em um produto cultural dotado de carga simbólica, o homem não apenas transforma a natureza e se diferencia dos animais, mas também imbui à comida uma função social através de rituais de comensalidade e sociabilidade que demarcam e estruturam a sociedade. Percebemos que tais práticas se refletem em *A viagem de Chihiro*, que, assim como para Lévi-Strauss (2004), assinala o alimento como um item de transição entre a natureza e a cultura, entre o concreto e o metafísico, destacando a comida como um agente multifacetado de imaginários, afetos, identidades e pertencimentos.

REFERÊNCIAS

BYSTRINA, Ivan. **Tópicos de semiótica da cultura**. São Paulo: CISC, 1995 (pré-print).

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução Vera da Costa e Silva... [et al.]. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

CONTRERAS, Jesús; GRACIA, Mabel. **Alimentação, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015.

NASCIMENTO, Angelina Bulcão. **Comida**: prazeres, gozos e transgressões. 2nd. ed. rev. and enl. Salvador: EDUFBA, 2007.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. São Paulo: Papyrus, 1994.